

# PROGRESSÃO ANAFÓRICA NÃO-CORREFERENCIAL NA AFASIA

Beatriz Silva Justiniano ROBERTO  
Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

**Resumo:** Focalizamos neste estudo, a atividade referencial, mais especificamente, a produção de anáforas indiretas, de indivíduos afásicos em interação com outros indivíduos, afásicos e não-afásicos. Essa ferramenta referencial, cuja significação requer a ativação de elementos extralinguísticos através de âncoras precedentes e construções no decorrer da interação, tem como principal propriedade a não-correferencialidade entre a anáfora e a âncora. Entender se a mediação entre essa díade é bem-sucedida em termos comunicacionais permite-nos inferir modos de produção enunciativa de pessoas afásicas em cenários considerados normativamente desfavoráveis à sua situação linguística, possibilitando a validação ou não de ideias teóricas pré-estabelecidas acerca das capacidades remanescentes e reorganizadas desses indivíduos.

**Palavras-chave:** neurolinguística; afasia; anáfora indireta; referenciação; metalinguagem.

## INTRODUÇÃO

Alterações decorrentes de lesões no sistema nervoso central sempre foram objeto de estudo nas ciências médicas e psicológicas, devido ao grande interesse universal em entender as nuances da mente humana. Questões referentes a distúrbios linguísticos já eram debatidas na época clássica, sobretudo fora do âmbito médico, como problemas que afetavam significativamente a sociabilidade da pessoa acometida. Indivíduos desprovidos de argumentos racionais e aqueles sobre os quais não se podia falar eram considerados afásicos ou afêmicos (MORATO, 2001, p. 24).

A linguagem propriamente dita tornou-se objeto de investigação dos que abordavam as afasias apenas nos meados dos anos 1950, quando o linguista russo Roman Jakobson publicou o clássico artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” convocando os linguistas a voltarem a atenção de seus estudos para os casos de afasia.

As teorias de cunho inatista e estruturalista encontraram em Jakobson postulações linguísticas que apoiam a conceituação das afasias como perda, mais especificamente, alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas (JAKOBSON, 1976[1954]). A partir de uma compreensão de língua não apenas como signo e sistema, mas também como ação, Morato (2010) concebe a perda metalinguística afetada nas afasias como “a perda de uma competência ligada ao conhecimento que teria o indivíduo acerca dos recursos a serem processados na produção e na compreensão de objetos linguísticos com os quais é possível referir e interpretar o mundo” (p. 32-33). É importante assinalar que, para a autora, a competência relativamente à linguagem, a metalinguagem, é mais abrangente do que a função metalinguística descrita por Jakobson.

Com a introdução de noções pragmáticas e discursivas na ciência da linguagem, os estudos afasiológicos passaram a abarcar a compreensão do funcionamento de normas

sociais e usos variados da língua, à luz de dados espontâneos e interacionais da fala dos afásicos, mas sem deixar de lado os fundamentos naturalistas iniciais da afasiologia. Os novos critérios de análise científica permitiram construir um paralelo entre o normal e o patológico, de modo a exemplificar os atos anteriormente associados exclusivamente aos afásicos em ocorrências frequentes em enunciações de indivíduos sem alterações linguísticas.

Ao desvincularmos a afasia dos construtos idealizados, “a reflexão sobre a afasia não dialogará apenas com a teorias derivadas de proposições abstratas, mas com as teorias centradas nas experiências humanas concretas” (MORATO, 2010, p. 20). Essa perspectiva alicerça a preservação das condições pragmáticas e discursivas de existência da linguagem, que nem mesmo a presença de alterações metalinguísticas é capaz de destruir.

## 1. O COROLÁRIO REFERENCIAL DA RELAÇÃO LINGUAGEM-MUNDO

(...) no rastro da desconstrução da metafísica, a questão central da filosofia deixa de ser a relação entre o pensamento e o mundo e passa a ser a relação entre a linguagem e o mundo. (Salomão, 2011, p. 72)

Na Grécia Antiga, Platão discutia o elo entre ónoma e logos (MACEDO, 1998), linguagem e conhecimento (MONTENEGRO, 2007). No diálogo “Crátilo”, por exemplo, o personagem que dá nome à obra defende a inerência dos nomes às coisas as quais nomeiam, uma vez que representam a essência destas. Apoiado numa perspectiva heraclitiana, Crátilo acredita que essa essência está em constante mudança devido ao fluxo instável de evolução do mundo: “não se entra no mesmo rio mais de uma vez”. Já para o personagem antagonista, Hermógenes, os nomes das coisas são apenas convenções sociais, sem qualquer relação ao cerne delas. Seriam resultados da arbitrariedade humana ao catalogar o ambiente que os cercam, sem se preocupar com o valor significante-significado de cada elemento.

Influenciado pela teoria platônica, Santo Agostinho dizia que a linguagem é uma simbologia do mundo real, composta pela comparação entre sinais, por isso as palavras seriam “sinais verbais que remetem a outros sinais” (MORAES, 2011, p. 1562). Ademais, o teólogo argumentava que as palavras não se tornavam sinais quando aprendemos seus significados, mas sim quando entendemos ao que elas se referem.

Reflexões como estas, ao longo dos anos, foram ganhando mais espaço nos debates científicos e estabeleceram, juntamente com outras questões multifacetadas, discussões acerca da relação entre as palavras e os objetos. Indagações sobre a origem da linguagem

humana, os processos de construção e compreensão e os modos de interação intra e extratextual tomaram como palco os estudos linguísticos.

Ao expandir a análise dos discursos para o contexto, a cossignificação passou a fazer parte do processo referencial; isso porque, segundo Chaves e Méa (2006, p. 144), “a significação será sempre contextualizada”. Dessa forma, elementos correferenciais, ainda ancorados em objetos mundanos, passam a eleger valores diferentes a cada enunciação.

Mondada e Dubois (1995) postularam o termo referenciação no lugar de referência, uma vez que “a questão da referenciação opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro [referência]: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas [...]” (2005, p. 11 *apud* COSTA, 2017, p. 135). Em outras palavras, o deslocamento desse conceito ocorre à medida que é estabelecido que a significação discursiva se dá de forma perceptiva e o caráter ontológico não é mais legitimado. A noção de relação intersubjetiva e social se ocupa desse espaço e elabora diferentes versões do mundo a partir do discurso (MONDADA, 2001, p. 9 *apud* KOCH, 2009, p. 61). Assim, ao concebermos a realidade como um produto de nossa percepção cultural, a categorização dos elementos mundanos perde sua base unicamente semântica e passa a se encontrar em aspectos extralinguísticos de criação de referentes, tornando a realidade e sua conceitualização como resultados de uma descrição subjetiva.

A partir dessa concepção, temos um referente fabricado pela prática social, logo, a noção de referência como uma simples representação extensional de um mundo objetivo torna-se obsoleta e é superada pela noção de referenciação como atividade discursiva, em que os referentes são vistos como objetos-de-discurso e não objetos-do-mundo (KOCH, 2009, p. 53/57). Esses objetos são a forma pela qual os indivíduos compreendem, elaboram e transformam o discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17 *apud* BASSI, 2006, p. 18).

Os objetos-de-discurso não são estáveis como os objetos-do-mundo, eles não preexistem ao discurso e, por isso, são transformados a cada nova enunciação sempre sob o viés ideológico do falante. Contudo, Koch (2002; 2009) alerta que, mesmo a língua não funcionando como um mero espelho da realidade, essa reelaboração discursiva deve obedecer a restrições culturais e sociais, não sendo, em sua totalidade, subjetiva; uma vez que se fosse completamente particular, a compreensão entre os falantes seria dificultosa.

Os referentes permitem o encadeamento referencial por meio da criação de uma memória discursiva, a qual é constituída de operações de (i) ativação – em que um novo objeto, ainda não mencionado no texto, é introduzido na memória do interlocutor, (ii) reativação – um objeto já presente na memória é ativado novamente, e (iii) desativação – quando um novo objeto é introduzido na memória no lugar de outro (KOCH, 2002, p. 62).

A memória discursiva atua como uma rede de nós que é preenchida à medida que novos objetos são enunciados e se autocompleta a fim de realizar conexões relevantes para a interpretação da referenciação. Neste caso, a cossignificação deixa de ser inerente à correferência: um mesmo objeto-de-discurso pode ser alçado com diferentes sentidos. Isso se dá através de anáforas nominais que assumem o ponto de vista do locutor, entretanto “[...] o sentido que se estabelece para determinado objeto-de-discurso não pode ser exclusivamente individual [...] tem que obedecer ao contexto cultural do leitor/ouvinte para que haja comunicação” (CHAVES; MÉA, 2006, p. 154), tal como já afirmado por Koch (*op. cit.*).

Conforme os embasamentos do referencialismo, o qual reduz a referência ao conhecimento metalinguístico do mundo, a capacidade de localizar adequadamente os objetos na realidade ontológica é o âmago da alteração linguística sofrida na afasia.

## 2. A METALINGUAGEM NA QUERELA REFERENCIAL DAS AFASIAS

Em vista das investigações acerca da relação mente-mundo, a Psicologia e as ciências médicas passaram a analisar situações em que essa relação parecia estar parcialmente ou totalmente alterada. O cérebro foi identificado como o cerne da mente humana e a linguagem como uma de suas faculdades primordiais; dessa forma, casos de lesões cerebrais foram os responsáveis por crescentes descobertas funcionais dos seres humanos e pela constituição de novas ciências, como a Afasiologia e a Neurolinguística.

O linguista russo Jakobson argumentava que a afasia, como perturbação da linguagem, carecia de descrições e classificações que levassem em consideração os aspectos da linguagem prejudicados em cada caso de tal desordem. Influenciado pela Teoria do Sistema Funcional de Luria (1981), Jakobson propõe-se a discutir suas reflexões a partir de concepções funcionalistas que afastam a análise dos sintomas linguísticos do localizacionismo neurológico (HEBLING, 2007).

Jakobson também foi o responsável por introduzir no campo dos estudos afasiológicos o conceito de metalinguagem. “Oriunda da Lógica e incorporada à Linguística para se referir à capacidade reflexiva observada nas línguas naturais de se descreverem ou se referirem a si próprias” (LYONS, 1977 *apud* HEBLING, 2006, p. 6), a metalinguagem tornou-se o cerne das funções linguísticas afetadas em déficits psiconeurológicos. A significação de um signo linguístico por meio de outro signo homogêneo, segundo o autor, é uma atividade metalinguística carente na afasia que acarreta, além de outras dificuldades, a dificuldade de denominação. Essa operação é tida como essencial para a aquisição da linguagem e para o seu funcionamento pleno.

O caráter da linguagem expressa-se em uma continuidade entre limites e liberdades suscitada para e pelo enunciado, em que a “concorrência de entidades simultâneas e

a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes linguísticos” (JAKOBSON, 1976[1954] p. 38). A seleção lexical consiste na escolha de um signo de uma complexa, mas cerceada, rede semântica que o incorpora e, ao mesmo tempo, é incorporada por ele. Essa apuração implica a possibilidade de substituir um termo por outro da mesma rede, os quais terão suas semelhanças (e diferenças) destacadas pela combinação contextual em que se apresentam, tanto em sequências fonológicas quanto textuais.

A associação entre os signos resume-se em relações de alternância e justaposição proferidos pelo falante e tem-se que “deve haver certa equivalência entre os símbolos utilizados pelo remetente e os que o destinatário conhece e interpreta” (JAKOBSON, 1976[1954], p. 41), a fim de se obter uma comunicação plena entre os envolvidos. Os diálogos são, desse modo, constituídos por meio de relações dos sintagmas de forma externa ao discurso e interna à língua (HEBLING, 2007). Koch (2003; 2009) e Marcuschi (2002; 2011), em uma abordagem interacionista, vão além dos dizeres de Jakobson e postulam que diálogos criam (e são criados por) realidades discursivas, onde ocorrem ativações, retomadas, remissões, intertextualidades, argumentações, reformulações, recategorizações e outras atividades dependentes do conhecimento partilhado entre os indivíduos, sendo mais do que necessário a partilha da língua em si, mas principalmente das preconceções e expectativas levantadas sociocognitiva e culturalmente.

A partir desses dois aspectos linguísticos, Jakobson desenvolve duas classificações de afasia, sobre as quais as operações revelam-se imbricados e de primordial importância para descrever e analisar suas diferentes formas de aparição.

Deficiência de seleção acarreta o que o autor chama de distúrbio de similaridade, na qual a linguagem do afásico se torna “meramente reativa” e o contexto exerce fator fundamental para a manutenção do diálogo por parte do afásico: ele continua facilmente uma conversa, mas tem dificuldades para alavancar um tópico. Em suma, “(...) no caso de um afásico cuja função de substituição foi alterada e a de contexto permaneceu intacta, as operações que implicam similitude cedem às fundadas na contiguidade” (JAKOBSON, 1976[1954], p. 48). À vista disso, Goldstein relata o caso de um paciente que, quando solicitado para enumerar alguns nomes de animais, o fazia na ordem em que os tinha visto no zoológico, demonstrando que sua atividade de nomeação se respalda em conhecimentos de experiência no mundo e não restritamente léxico-semânticos.

A segunda classificação de Jakobson para as afasias detém-se na inaptidão que alguns afásicos apresentam para conjugar palavras em um contexto significativo. Aqui a capacidade de seleção lexical está preservada e o déficit recai sobre a operação de construir proposições, caracterizando o distúrbio de contiguidade.

A dificuldade de combinar unidades linguísticas menores em complexos maiores fere as regras sintáticas e gera o que chamamos de agramatismo, no qual as palavras funcionais (preposições, conjunções, pronomes e artigos) desaparecem da fala afásica, tornando-a telegráfica. Quando essa incapacidade atinge os níveis mais inferiores da linguagem, os morfemas e os fonemas, a oralização dessas pessoas regressa a jargões e grunhidos, apelando para outros modos de comunicação para além da oralidade.

Essa habilidade de lidar com os constituintes da língua ainda é fortemente reduzida a uma metalinguagem lógica nos estudos neuropsicológicos, em que os processos lógico-perceptivos são definidos como os responsáveis pelas formulações referenciais dos indivíduos (MORATO, 2001). Na abordagem propriamente neurolinguística, segundo Macedo (2003), autores como Chomsky, Benveniste e Ducrot corroboram Jakobson e enxergam a metalinguagem como uma atividade separada da língua, onde se dão todas as reflexões e reestruturações refletidas na fala. Contudo, na perspectiva interacionista da linguagem (a qual adotamos nesta pesquisa), o componente meta é interno à língua e relativo a questões de cunho social e cognitivo, além de linguístico. Essa realocação implica diferentes expectativas a respeito das capacidades afásicas e suas fontes de origem.

O que podemos reiterar acerca dessas ideias é que a capacidade reflexiva que demonstramos sobre nossa língua e seu uso é sobremaneira dependente da interação e do contexto. O outro exerce fundamentalmente o papel de avaliador das significações e reformulações referenciais de forma a confirmar a adequação e a inteligibilidade de nossas escolhas linguísticas, de acordo com os critérios pragmáticos e cognitivos do ato de fala.

Esse fenômeno torna-se mais evidente em contextos patológicos, déficits de linguagem e outros, nos quais o interlocutor deve se manter completamente ativo, atuando como coconstrutor da fala do outro e interferindo quando necessário, uma vez que pessoas com alterações linguísticas, tendo a ciência de suas dificuldades, tendem a deixá-las refletir diretamente na sua comunicação.

Tomamos a metalinguagem, portanto, como um palco de reflexividade acerca dos elementos que compõe o ato enunciativo, desde escolhas lexicais até comportamentos situacionais definitivos para a referência, tida como “um ato criativo” (MARCUSCHI, 2002). Dessa forma, as dificuldades enunciativas derivadas de alterações neurológicas, que têm por fundamento comprometimentos de aspectos metalinguísticos, podem ser subvertidas através do potencial reflexivo preservado nos indivíduos. Logo, podemos dizer que a afasia não é um déficit relativo apenas à língua, mas sim aos processos afeitos a ela (MORATO, 2001).

### **3. AS CONTROVÉRSIAS DAS TIPOLOGIAS ANAFÓRICAS**

De acordo com Cortez (2012), a história dos estudos linguísticos até a década de 1980 mostra uma abordagem funcional em relação à anáfora, a qual era tratada sob uma perspectiva substitutiva-tradicional, como um elemento cuja única função era retomar um antecedente em concordância sintática explícito no cotexto. A partir dos anos 1990, a metodologia e a teoria dos estudos da anáfora começaram a mudar com o advento de modelos transfrásticos da linguagem e novas nomenclaturas foram criadas: “anáfora atípica” (APOTHÉLOZ, 1995), “anáfora associativa” (KLEIBER, 1994) e “anáfora indireta” (SCHWARZ, 2000). Apesar das diferentes terminologias, o conceito de anáfora por si só deixou de ser relacionado a um instrumento linguístico de substituição e passou a ser analisado como uma relação entre elementos discursivos fundada em fatores pragmáticos, sociointeracionais e cognitivos (CORTEZ, 2012, p. 13).

Inicialmente, a autonomia referencial da linguagem era sustentada pelos formalistas que consideram o processo anafórico como a ação de retomar verbalmente um elemento previamente inserido no texto, dando a esse fenômeno o nome de anáfora direta.

(1) Comprei três livros excelentes. **Os livros [eles]** estão lá em casa.

Com novas abordagens teóricas sendo integradas aos estudos linguísticos, o conceito de anáfora foi ampliado, passando a considerar elementos adjacentes à linguagem. O funcionalismo entende a anáfora como um elemento de referência influenciado pelo contexto do ato de fala. Com a virada pragmática dos estudos semânticos e textuais, esse aspecto fortificou-se nas análises textuais, abrindo espaço para uma nova ideia de anáfora: a associativa (KLEIBER, 1994 *apud* CORTEZ, 2012, p. 13). A expressão “anáfora associativa” surgiu para nomear os casos de discursos em que um dos termos enunciados já era conhecido pelos participantes do diálogo, apesar de não ter sido explicitado anteriormente.

(2) Eu queria fechar a porta quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair **as chaves**.

A terminologia “anáfora indireta” é a mais recente do campo de estudo e possui a evocação de um novo referente e a necessidade de uma âncora como suas principais características (MARCUSCHI, 2001), divergindo da noção estrito senso de anáfora, a qual implica correferencialidade, e ampliando o conceito de associação.

(3) Nos últimos dias de agosto... a menina Rita Seidel acorda num minúsculo quarto de hospital... **A enfermeira** chega até a cama...

A correferência é estabelecida pelo alçamento de um único referente mais de uma vez ao longo do discurso, por meio de pronomes, sinónímias ou até o mesmo sintagma

nominal, encarregados da progressão anafórica. A característica indireta (i.e., a não-correferência) é imposta quando esses elementos textuais não selecionam o mesmo referente na memória discursiva do interlocutor e o recurso que os vincula não pode ser encontrado no cotexto, como pode ser observado no exemplo acima.

De acordo com Koch (2003) e Marcuschi (2001), a não-correferencialidade é a característica mais notável das anáforas indiretas. O entendimento do objeto-de-discurso ativado depende, além do modelo do universo textual, dos conhecimentos de mundo e do potencial inferencial do leitor/interlocutor. Para a autora, essas anáforas são essenciais à construção da coerência, “porque no processamento textual vão surgindo diversos elementos significativos, e, somente no cotexto, fica claro qual deles vai ser selecionado para a interpretação” (CHAVES; MÉA, 2006, p. 147-148).

A significação de um texto é recorrente da atuação, manipulação e reconstrução do indivíduo com o mundo e com o outro através da linguagem, de modo a manter a progressão referencial, a qual estabelece a relação de ancoragem dos elementos intra e extratextuais. Para Koch (2003) e Marcuschi (2001), as âncoras são estruturas textualmente explícitas que possuem cargas semânticas e/ou conceituais desencadeadoras de potenciais inferências interpretativas, ou seja, são elementos presentes no texto que intermeiam o caminho entre a anáfora e o sentido referencial. Logo, como afirma Bentes *et al.* (2017, p. 117), “a noção de ancoragem é muito importante para a compreensão dos processos referenciais que auxiliam na estruturação de práticas discursivas”.

O modo como se dá processo de ancoragem ainda é o cerne de muitas pesquisas linguísticas. O que se tem estabelecido é que, no caso das anáforas diretas, as âncoras são os próprios referentes que se veem em correferencialidade com as anáforas, traçando aí o limiar com as anáforas indiretas, as quais não possuem antecedentes explícitos e nem produzem correferenciação. Além disso, é consensual que a ancoragem pode ser classificada de acordo com os aspectos mobilizados para ativar o referente. Na abordagem estrito senso esses aspectos são semântico-sintáticos, no entanto, aspectos interacionais e situacionais também são mobilizados na atividade de referenciação, segundo abordagens mais atuais da pragmática e do cognitivismo.

Segundo Costa (2002 *apud* KRÜGER, 2003, p. 71), o estudo da ancoragem para anáforas diretas deve levar em consideração a forma sintagmática da expressão anafórica, os elementos aos quais ela se liga, os atributos que são propostos durante o discurso e a possível recategorização do referente. Já para as anáforas indiretas, a relação de sentido e as limitações dessa estratégia significativa entre a anáfora e sua âncora devem ser o foco da análise.

Ao elaborar diversas formas de estabilização do referente, o locutor mantém os objetos-de-discurso no texto e os faz progredir, de modo com que as ancoras relacionem-

se entre si, permitindo ao interlocutor a construção de anáforas. Esse trabalho, como descrito, é uma atividade partilhada, onde os objetos são negociados e validados pelos participantes cognitivamente.

#### 4. METODOLOGIA

Na seguinte pesquisa buscamos identificar e descrever anáforas indiretas, seus contextos de ativação e modos de significação nos enunciados dos participantes. O *corpus* foi constituído por episódios extraídos de trabalhos do grupo de pesquisa COGITES no âmbito da referenciação no contexto afasiológico. Todos os diálogos são ambientados no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As transcrições mantêm suas formatações originais das convenções do tratamento dos dados utilizados nas pesquisas, exceto pela indicação dos falantes, que foi homogeneizada para permitir a recuperação da identificação dos indivíduos e trocas de turno entre os integrantes sem dificuldades. Os indivíduos afásicos são identificados pelas iniciais de seus nomes em letras maiúsculas e os pesquisadores não-afásicos pelas suas iniciais também maiúsculas, porém sublinhadas. Os sistemas de notações se encontram em Justiniano (2022).

#### 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os episódios 01 e 02, a seguir, evidenciam como significações ocorrem por acesso a modelos mentais. No encontro abaixo, ocorrido em 17 de junho de 2010, a senhora NS, na época ex-participante do CCA, faz uma visita ao grupo. O recorte focaliza na interação entre NS e a pesquisadora EM, as quais direcionam-se uma à outra pela posição corporal.

##### Episódio 01

1 EM: então... vamo o seguinte ...	19 EC: é::
olha... eu posso-olha...veja só se	20 EM: por isso daí se tem que ter
você concorda... pe ço lá pra doutora	o registr 21 NS: mas aonde/ lá
BC... que é uma amiga nossa aqui...	+ [no..] + &
se ela pode marcar uma consulta na	22 ns: +aponta para cima em direção
ortopedia com [você] &	oposta+
2 NS: [ah eu posso... ahan]	23 EM: [lá no hospital]
3 EM: &pra você... vou falar com	24 NS: &ah tá
[ela] &	25 EM: mas eu vou perguntar pra
4 NS: [ai tá]... tá bom	ela... tá bom /
	26 NS: ah tá bom

- 5 EM: &essa semana... e Aí na quinta feira eu te digo  
 6 NS: tá bom  
 7 EM: beleza/  
 8 NS: ahan  
 9 EM: tem que trazer a carteirinha  
 10 NS: carteirinha trazer também/  
 11 EM: traz né... agora eu acho que ela vai [marcar]&  
 12 NS: [eu sei]  
 13 EM: &depois você vai lá na ortopedia  
 14 HM: quando for cê leva  
 15 NS: ah tá... +nicamp né/+  
 16 ns: +aponta pra o seu lado direito+  
 17 EM: na unicamp  
 18 NS: ah tá
- 27 EM: cê topa assim/  
 28 NS: aham topo  
 29 EM: o que não quer dizer que você não deva voltar nas consultas já fei-já marcadas aqui  
 30 NS: então... +esse aqui+  
 31 ns: +aponta para os seus exames que estão nas mãos de EM+  
 32 NS: no posto na (8ereza/8ereza)... aí falei assim ontem... aí falei "vou marcar"... aí a mocinha... "depois cê liga... parece que o médico vai sair"... falei +meu deus do céu+  
 33 ns: +coloca as mãos sobre a cabeça, de modo a indicar espanto com o que a recepcionista do hospital lhe disse+
- (FERRARI, 2014, p. 79-80)

Quando o objeto *consultas* é retomado, NS seleciona mentalmente o frame de consultório e tudo aquilo que se espera nesse esquema, como seus próprios exames, a recepção – onde se espera encontrar uma recepcionista – e, logicamente, o profissional da saúde que atende no local. A partir desse pressuposto contextual, NS aponta para seus papéis e introduz os referentes *a mocinha* e *o médico*.

Ocorrido em 20 de março de 2003, o diálogo abaixo se pauta no conhecimento compartilhado sobre o conflito entre Estados Unidos e Iraque, um acontecimento histórico que, ao longo da progressão referencial, elenca objetos-de-discurso que mobilizam esquemas da primeira vertente: a noção de guerra. Participam desse episódio os indivíduos afásicos MG, JM, SP e IP e as pesquisadoras EM e HM.

#### Episódio 02

- 1 EM: é... você leu... bom... que a gente tava naquele pé antes né... se saia ou não saia a guerra... parece que realmente... esta batucada começou...  
 2 [MG: é  
 3 MG: é //concorda com EM e balança a cabeça negativamente//  
 4 HM: foi uma hora e meia depois  
 5 [EM: ...então...
- 18 IP: ah //parecendo compreender o gesto feito por SP// hein?  
 19 EM: //dirigindo-se a SP// é mesmo?  
 20 JM: se render?  
 21 EM: //dirigindo-se a JM// é... ou será que eles vão agüentar... um ataque... já pensou?... maciço dos Estados Unidos em cima  
 22 [MG: ah eu acho que não  
 23 JM: eu tenho a impressão que não

- 6 EM: ah? //dirigindo-se a HM//  
 7 HM: foi uma hora e meia depois do anunciado  
 8 JM: uma hora e meia //confirmando o que HM disse//  
 9 EM: ah... então as tropas que estavam lá começaram atacar... então é isso SI //procurando inserir SI na conversa//... parece então que o ataque já começou... agora os iraquianos tão lá se segurando... é ou não é... já imaginou um ataque dos americanos?  
 10 SP: é mas...num sei... mas eu acho...  
 11 EM: diga  
 12 SP: que.. Iraque...  
 13 EM: ah  
 14 SP: vai vai //levanta o braço esquerdo acima da cabeça e o mantém levantado por alguns segundos - SP não possui a mesma mobilidade com o braço direito//  
 15 EM: vai... como é que é isso aqui? //repete o gesto feito por SP e faz a pergunta ao grupo// Vai se render?  
 16 //SP responde afirmativamente com a cabeça//  
 17 JM: quem?  
 24 EM: que não vai se render?  
 25 //JM responde afirmativamente com a cabeça//  
 26 SP: não //considerando a fala de JM//... ele tem lá... cinqüenta por cento //gesticula apontando para o lado direito//... e cinqüenta por cento é //ergue novamente o braço//...  
 27 EM: ta... o senhor acha que uma parte do estado maior... uma parte do... das forças de elite... dos soldados vai se render e outra parte vai continuar a guerra?  
 28 [SP: certo certo //responde afirmativamente com a cabeça durante toda a fala de EM//  
 29 JM: preferia morrer de... preferia morrer né... preferia... até a morte  
 30 SP: não não... isso aí é... //concordando com JM//  
 31 EM: //dirigindo-se a JM// o senhor acha que o Saddam... a se render prefere a morte?  
 32 [JM: preferia  
 33 JM: é exatamente

(BASSI, 2006, p. 41-43)

Falas como as das linhas 10, 22 e 23 moldam a conversa a partir das ideias que cada falante tem do tópico principal, o Iraque. Depois de progredir anaforicamente o objeto *as tropas* ancorado em *a guerra* de seu enunciado anterior, EM, ao falar *os iraquianos tão lá se segurando*, ativa na memória discursiva os frames sociocognitivos de movimentação em uma guerra, como aguentar, esconder, atacar e (se) render. SP referencia a este último ao levantar e manter o braço esquerdo acima da cabeça, imitando o movimento de rendição. Movimento esse rapidamente captado pela pesquisadora que busca confirmar sua interpretação com a repetição do gesto e a pergunta *Vai se render?*. Temos, então, a produção de uma anáfora indireta por meios semióticos, ancorada no conhecimento de mundo do afásico e partilhado com os participantes.

Outro exemplo de anáfora indireta mobilizada por meios semióticos ocorre com o indivíduo EF na conversa do episódio 04, de 1998. O senhor afásico, ao falar sobre tabagismo, realiza o gesto indicativo da ação, como se reafirmasse a constatação feita por EM acerca de seu antigo hábito, e mostra a mão aberta simbolizando o número cinco, que logo é interpretado por IP, outro indivíduo afásico, como a quantidade de maços que EF costumava fumar por dia. Evidenciamos aqui outro caso de introdução de um objeto-de-discurso a partir de elementos extralinguísticos (gestos), o qual preenche o papel temático de sua âncora, saturando a posição de argumento interno. Com a superação de suas dificuldades, a falta de verbalização (por escolha ou não) do afásico não comprometeu a progressão referencial do discurso.

### Episódio 03

1 EM: (...) O seu EF tem com ele... a pessoa... não é que não larga  
que o derrame que ele sofreu foi por porque não quer... É porque não  
conta do tabagismo. Ele fumava... pode. Tem produtos químicos dentro  
muito. do cigarro...

2 EF: [//Faz gesto de 'fumar 12 MC: [Que viciam.  
cigarro'//]. 13 EM: Que faz //Aponta a cabeça//  
que tem uma atuação... né...

3 EF: Muito //Mostra os cinco dedos 14 EF: É é é //Aponta a cabeça//.  
da mão//. 15 EM: Inclusive neurológica... que  
é o vício... que faz com que você

4 EM: [Isso associado à pressão 16 MC: [Parar.  
alta... não consiga

5 MC: [Cinco?! //Mostra os cinco 17 EM: Parar... de enriquecer //  
dedos da mão//. (para EF) Fazendo gesto de 'dinheiro'// as  
empresas né?

6 IP: //Mostra os cinco dedos da 18 IP: [Parar.  
mão//. Cinco maços? 19 EF: //Faz gesto de 'dinheiro'//  
//Ri//.

7 MC: Cinco maços. 20 EM: Então... o seu EF... com base  
em histórias de

8 EM: Cinco maços. Por dia? outras pessoas... que acionaram...  
que processaram... que inde...

9 EF: //Confirma com a cabeça//. que pediram indenização pra Souza  
Cruz... fez isso. E ele acha que

10 IP: Nossa! //Leva as duas essas coisas deviam estar... de  
//Ri//. alguma forma... no no livro...  
informando... tal.

11 EM: [Associada à pressão alta...  
não sei o quê... ele teve um derrame.  
Então... agora. Agora... se baseando  
na história de outras pessoas...  
que já processaram a Souza Cruz...  
porque o cigarro vicia! Então...

(TUBERO, 2006, p. 66-67)

Outra atividade semiótica bastante comum e estimulada nos discursos pessoais com déficits de linguagem são os desenhos, os quais ajudam os afásicos a recuperar um elemento específico do cenário cognitivo de modo, muitas vezes, mais prático do que buscar por um significante fonológico. Uma operação similar pode ser observada no episódio 05 a seguir, de 15 de janeiro de 2001, em que CF, uma senhora com afasia expressiva, cuja produção oral é marcada pelo jargão *esaw*, conta aos colegas sobre o casamento de seu primo no Paraná e de outra prima em Bandeirantes (SP). É prática comum do CCA manter uma agenda para anotar recados, lembretes e assuntos a serem discutidos nas reuniões semanais do grupo.

#### Episódio 04

- 1 CF: ó ((abriu a agenda na página que apresentava as anotações do episódio que estava tentando contar à investigadora))
- 2 tan, tãn, tantantan ((cantarolou a melodia de uma marcha nupcial))
- 3 MC: ah... mas .... ((tom de adivinhação))
- 4 CF: é saw esaw ésaw ((tom de deboche))
- 5 MC: cê acha que eu sô o quê? que eu adivinho tudo? tá escrito aqui na agenda BAN-DEI-RAN-TES ((mostrando a anotação para GC)) Bandeirantes é o quê? sua cidade no Paraná ela foi ela foi pra um... ((dirigiu-se para CF, mostrou o anel em seu dedo e fez movimento circular indicando uma aliança))
- 6 CF: CA-SA-MEN-TO aí óh ((apontando para sua boca))
- 7 MC: seu primo que se chama como... como chama seu primo?
- 8 CF: Rodrigo
- 9 MC: qual é a profissão dele?
- 10 CF: é... ((apontou para o papel em que estava escrito agronomia))
- A-GRO-NO-MO
- 11 MC: É
- 12 CF: ó ((apontou novamente para o papel no desenho do estetoscópio))
- 13 MC: você dançou com o médico?
- 14 CF: Não tan tãn tantantan ((cantarolou a melodia de uma marcha nupcial))
- 15 MC: noiva?
- 16 CF: É
- 17 MC: noiva é médica?
- 18 CF: ((fez movimento afirmativo de cabeça))
- 19 MC: hum tá bom agora faz sentido depois de olhar a agenda.

(CAMERIN, 2005, p. 5)

O tópico *casamento* é estabelecido por CF ao cantarolar a melodia de uma conhecida marcha nupcial, promovendo a inferenciação por parte dos interlocutores. Ao utilizar a agenda como apoio para suas falas, CF aponta para o desenho de um estetoscópio, instrumento de avaliação cardíaca utilizado por profissionais da saúde. Ao perceber a intenção comunicativa da parceira, a não-afásica MC questiona se ela havia *dançado*

com um *médico* (linha (12)) no evento. Essa indagação da pesquisadora é um reflexo do cenário de casamento, construído sociocognitivamente e que possui expectativas inferenciais, como a prática de se dançar com outros convidados. Entretanto, CF nega a interpretação de MC e canta novamente a marcha nupcial, dando a entender que o desenho do estetoscópio se referia a outra pessoa relacionada diretamente com o casamento, a *noiva*, referente este que é introduzido pela relação semântica inscrita em *casamento*.

Gestos, desenhos, melodias e mimetizações, como visto nos episódios, são elementos semióticos que constroem e completam a significação de enunciados referenciais dos indivíduos afásicos, tanto no papel de âncora como de anáfora indireta, são tomados pelos não-afásicos como significantes válidos e interpretados em uma sintonia cooperativa. Esses recortes provam o quanto a colaboração do interlocutor é essencial para a manutenção e desenvolvimento dos encadeamentos tópicos e, conseqüentemente, dos diálogos.

O episódio 06, ocorrido em 23 de abril de 2001, traz mais um exemplo de gestualidade como ativação de objeto-de-discurso, na linha (2), quando CF assalta o turno para lembrar o grupo da troca de receitas e o preparo do bolo de fubá que ficaram combinados no encontro anterior. A afásica introduz o tópico com a palavra *bolo* e logo em seguida faz o gesto de mexer algo em uma tigela, de modo a especificar o esquema de ação “fazer um bolo” e reduzir interpretações como “comer um bolo” ou “comprar um bolo”. Essa gestualidade é compreendida pela investigadora MC como *batedeira*, um objeto-de- discurso saliente no esquema conceitual de se fazer/cozinhar um bolo.

Alternando o foco para a fala de FF (linha (13)), a pesquisadora usa o pronome indefinido *tudo* para se referir aos *ingredientes* (linha (12)) que presumira que CF teria levado para o encontro. No tema de “preparo de bolo”, o objeto-de-discurso *tudo* vai além de uma indefinição e acaba por possuir uma especificidade contextual, exercendo o papel de encapsulador de diversos objetos pressupostos no cenário topicalizado: farinha, leite, ovo, fermento e outros. IC reformula a pergunta da FF e utiliza *as coisas* como uma anáfora direta para recategorizar *tudo*, o que reafirma a função de introdutor referencial do pronome, sendo, portanto, uma anáfora indireta pronominal.

#### Episódio 05

1 MC: vem com a regulação certa (...)	2 CF: me ( ) óh BO-LO ié óh (( dirigindo-se a MC e fazendo gestos com as mãos como se estivesse mexendo algo numa tigela))
---------------------------------------	--

- 3 MC: bateadeira?  
 4 CF: eira (...) ((tom explicativo. Apontou para os dedos da mão como se estivesse enumerando coisas a fazer))  
 5 MC: cê qué fazê bolo?  
 6 CF: bo-lo :: ((apontou novamente para os dedos da mão como se estivesse enumerando coisas a fazer)) é ((tom afirmativo))  
 7 IC: ah na semana passada a gente combinou de trazer algumas receitas né CF?  
 8 CF: reCEITA é  
 9 MC: você trouxe a receita ou o bolo?  
 10 CF: o:::....  
 11 MC: receita?  
 12 CF não...é ((CF levantou-se da mesa e foi buscar ingredientes que trouxera para preparar o bolo))  
 13 FF: você trouxe tudo?  
 14 CF: TU-DO  
 1 ah esaw esaw ((dirigindo-se para a cadeira a fim de pegar sua bolsa))  
 15 CF: Bo-lo tu tu tu  
 16 IC: você trouxe as coisas CF?  
 17 MC: é aquele bolo de fubá com goia bada  
 18 CF: bada?  
 19 MC: de fubá?  
 20 CF: fubá?  
 2 ai e saw e saw ((tom de “socorro”, pois sua bolsa estava caindo da cadeira))  
 21 IC: ((levantou-se e foi ajudar CF a segurar sua bolsa))  
 22 CF: GOI-A-BA-DA ((dirigindo-se para MC que havia perguntado sobre o tipo de bolo))  
 (CAMERIN, 2005, p. 68)

A introdução do objeto *receita* por parte da participante não-afásica IC evidencia a associação do enunciado de CF com um tópico conversado em uma reunião anterior. A própria fala de IC na linha (7) verbaliza essa atividade memorial exercida por ambas as interlocutoras. Sem esse conhecimento pessoal prévio compartilhado, o elemento *receita* poderia não ter sido ativado no discurso, apesar de estar sociocognitivamente ligado ao conceito de preparo de bolo. Esse episódio esclarece a influência ímpar que cada tipo de conhecimento tem sobre as enunciações e o encadeamento referencial, de forma a auxiliar os modos de compreensão e coordenar as significações, até que se encontre o sentido oportuno.

#### Episódio 06

- 3 HM: e cês viram uma notícia de uma mulher que tá sendo que foi condenada no [irã/]  
 4 MS: [i::rã]  
 5 RL: a: +exatamente+  
 6 rl: +faz gesto afirmativo com a cabeça+  
 7 HM: que foi condenada por adultério e querem matar... que isso né ((sobreposição de vezes))  
 8 MS: vi-ú-va duas vezes  
 9 HM: mas é um absurdo... a senhora viu isso dona MN/ ((volta-se para MN, que está ao seu lado))... a notícia de uma mulher uma mulher que foi con-de-na-da à morte por é:: adultério... mas ela é viúva... ela é viúva...  
 né.. não é isso/ e (mesmo que não fosse) pouco importa... mas isso gerou tamanha polêmica que o governo tá dizendo que vai rever e não sei o que... a [condenação] &  
 10 EC: [causa tudo aí] né matar  
 11 HM: & só que-pode ser também um desvio só de atenção  
 12 EC: atenção  
 13 MN: ahn... +ninguém tem nada com isso+  
 14 mn: +gesto com a palma da mão esquerda virada para cima+  
 15 HM: [pois É:]&  
 16 MS: [não]

- 17 HM: &essa é a questão... [só que lá] &  
 18 MS: [NÃO...] i:rã  
 19 HM: &irã... não tamo falando de um lugar  
 qualquer né/ ((sobreposição de vozes))  
 20 HM: que loucura não/  
 21 MS: ahn... irã... ahn:: iraque...ahn:: eu ((aponta  
 para si))...  
 22 israel  
 23 SP: como é que fala: +pérsia aqui+  
 24 sp: +aponta para a mesa+  
 25 MS: +É+  
 26 ms: +gesto com a palma da mão voltada para cima  
 na direção de SP que está ao seu lado+  
 27 MS: i::  
 28 sp: +faz um círculo com o dedo a sua frente sobre  
 a mesa+  
 29 HM: é perto da pérsia né  
 30 MS: ma:ravilha  
 31 MN: eu não-eu conheço qualquer coisa de israel  
 que eu já lá [fui] &  
 32 MS: [i::s]  
 33 MN: &mas... +num tem nada com isso+  
 34 mn: +repete o gesto com a palma da mão para  
 cima+  
 35 ms: +faz um gesto similar ao de MN voltando  
 seu olhar e corpo para HM que está do outro lado da  
 mesa, próxima de MN+  
 36 HM: exatamente... qual o problema né/ cada um  
 que cuide... já pensou/  
 37 EC: +é verdade+  
 38 ec: +aponta para HM+  
 39 HM: cada um que cuide da sua vida  
 40 EC: é verdade é vida é::  
 (FERRARI, 2014, p. 65–67)

A transição de um tópico para outro é característica fundamental para a construção e manutenção de cadeias referenciais. No recorte de 12 de agosto de 2010 acima, HM comenta sobre a notícia da condenação de uma mulher no Irã e o assunto avança, inicialmente, com o foco na *mulher*, a qual MS recategoriza como *viúva* (fala 6), abarcando informações trazidas pela participante pelo seu conhecimento adquirido, provavelmente, através de algum noticiário. Dez enunciados depois, MS retoma o referente *irã*, provando que o manteve em sua rede discursiva e introduz os objetos *iraque*, *israel* e *pérsia* por inferência presente no modelo mental de países que compartilham as mesmas características culturais e geográficas, além disso o comentário *irã... não tamo falando de um lugar qualquer né* de HM ajuda a salientar essa inferência.

Percebe-se então que, mesmo depois da introdução de novos tópicos, os indivíduos conseguem manter na memória discursiva objetos que foram introduzidos bem previamente, reativando-os quando necessário e utilizando-os como âncoras para novos objetos-de-discurso.

No trecho que segue, datado de 07 de agosto de 2003, presenciamos a formação de um hiperônimo a partir das primeiras falas de JM. O referente *o funcionário público* é introduzido tendo como antecedente *salário*, o qual funciona como uma âncora esquemática de nível descendente: todo funcionário público recebe salário, mas nem todo mundo que recebe salário é funcionário público, logo, salário < funcionário público. Sua singularidade também indica sua unicidade no universo textual, contudo, quando EM traz novos objetos-de-discurso baseados em conjectura textual, tem-se uma

sucessão de hipônimos que descaracteriza *o funcionário público* de sua particularidade e o transforma em hiperônimo.

### Episódio 07

- |   |  |
|---|--|
| 1 JM: (...) não é isso que eu quis dizer... o tempo por | militares são funcionários públicos... os juízes são |
| salário que recebe cinquenta e sete mil...              | funcionários públicos...                             |
| 2 EM: poucos né?... no Brasil?                          | 7 JM: [não... não... os funcionários daqui... //     |
| 3 JM: é!  | apontando para o chão//                              |
| 4 EM: sim...  | 8 EM: não... claro que não...                        |
| 5 JM: mas até o: funcionário público atende... atinge   | 9 JM: daqui?   |
| isso?   | 10 EM: daqui não... daqui da universidade?           |
| 6 EM: alguns atingem... por exemplo se... por           | 11 JM: é!  |
| exemplo os  | 12 EM: não!  |

(BASSI, 2006, p. 59–60)

O paradoxo desse caso diz respeito à retratação direcional dessa progressão anafórica. Podemos dizer que ela é direta, uma vez que os elementos sucessores correferenciam seu antecedente. Entretanto, também é fácil julgar essa correferencialidade como não absoluta, já que um hiperônimo não alça, nem semanticamente nem cognitivamente, um único objeto-de-discurso, mas sim uma rede complexa, portanto, a anáfora estaria remetendo a apenas uma parte de sua âncora.

O último episódio da análise é um exemplo de como a insuficiência de conhecimento partilhado causa interferências na significação dos objetos-de-discurso. No episódio 20, a afásica NS está conversando com a médica BC sobre sua condição de linguagem depois que sofreu o AVC (como já havia contado no episódio 18).

NS diz que ela consegue falar algumas coisas, mas que desenvolveu muita dificuldade para ler e escrever e suas únicas produções gráficas são seu nome e de algumas pessoas. O pesar da senhora é evidente e o descontentamento com seu estado é expresso por sua fala (...) *meu deu minha nossa senhora eu quero saber ler e escrever... passado eu sei e agora... será que será que eu...* A investigadora BC se compadece com a situação da colega e diz que ela pode voltar a ler e escrever, só vai precisar fazer *exercício* (linhas (4)). Contudo, NS não entende o motivo da ativação desse objeto, isto é, o porquê ela deveria *fazer exercício* para adquirir suas habilidades novamente; assim, pergunta: *mas por que exercício?*

Essa fala demonstra que o objeto introduzido pela interlocutora não-afásica não estava saliente na memória discursiva de NS, o que indica que os esquemas conceituais relativos à leitura e escrita são diferentes entre as participantes.

Episódio 08

1 NS: então... agora eu falo... mais ou meno...  
agora que eu não escrever e ler mais ou meno

2 BC: hum?

3 NS: passado eu se sei ler e escrever... agora... parou  
não sei também... meu nome... muita gente eu sei...  
né? então eu eu to to eu euro meu deu minha nossa  
senhora eu quero saber ler e escrever... passado eu sei  
e agora... será que será que eu...

4 BC: consegue vai ter suar um pouco... vai ter que  
fazer exercício...

5 NS: mas por que exercício? escrev[er?]

6 BC: [dá pra/isso que nem quando você aprendeu  
né?

(TAGLIAFERRE, 2008, p. 57–58)

Mesmo incerta quanto ao objeto-de-discurso ativado por BC, NS pergunta qual a relação que a pesquisadora faz entre *ler e escrever* e *exercício*. O ato de fala de BC é transpassado por sua condição de letramento e posição social, cujas experiências pessoais indicam que o meio para se aprender uma habilidade é praticando-a, grande parte das vezes, através de exercícios, como por exemplo quando queremos aprender uma nova língua. NS, uma dona de casa formada apenas nos primeiros anos do ensino fundamental, não tem em seu arcabouço sociocognitivo esse conhecimento; por isso não compartilha com BC os mesmos pressupostos.

Esse trecho evidencia como o compartilhamento de conhecimentos de mundo é crucial para se produzir um diálogo completo e inteligível para todos os participantes. Uma vez que as expectativas acerca de um tópico são divergentes entre os enunciadore, objetos- de-discurso podem ser ativados sem a correta interpretação de outrem, o que prejudica consideravelmente a construção do universo discursivo e a própria continuidade do diálogo, além da coesividade comunicacional.

Em casos de falta de sintonia referencial<sup>1</sup>, a reflexão do indivíduo sobre o que não entendeu permite a criação de um novo enquadre sociocognitivo, o qual a âncora e sua anáfora compartilhem. Porém, essa operação depende da disposição do outro para intermediar e orientar esse novo domínio associativo, do mesmo modo como faz BC ao dizer *que nem quando você aprendeu né?* para NS, ajudando-a a retomar um cenário já conhecido, o de *alfabetização*, para que assim a senhora entenda a relação entre *exercício e ler e escrever*.

Os dados selecionados nos diálogos identificam produções e compreensões bem- sucedidas de sintagmas referenciais por parte dos afásicos. A predominância por ancoragens a partir de conhecimentos de mundo partilhados fica evidente quando esses indivíduos assumem o turno de fala e a busca por meios alternativos de comunicação, como os gestos e os desenhos, para darem sentido ao seus objetos-de-discurso.

---

1. Expressão cunhada por Marcuschi (2002).

Ademais, esses episódios são grandes exemplos de como a referenciação anafórica ainda é um intrigante campo para estudos. Testemunhamos como as introduções referenciais são interpretadas por meio de elementos linguísticos e semióticos que permitem a mobilização de vários aspectos sociocognitivos (enciclopédicos, pragmáticos e experienciais) cujo encadeamento auxilia a enunciação e a significação de anáforas por pessoas afásicas e não-afásicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo a reafirmar a premissa central da pesquisa, isto é, de que a referenciação é um ato de construção criativa e não uma forma de designação extensional de um mundo extramental (KOCH, 2001; MARCUSCHI, 2002), encontramos na análise evidências da compreensão dos indivíduos afásicos quando solicitados a progredir o discurso, bem como a presença substancial de produções referenciais em suas falas, especialmente por meio da mobilização de anáforas indiretas. A noção textual-interativa de anáfora é o exemplo do princípio sociocognitivo de um mundo publicamente elaborado<sup>16</sup>, em virtude da sua característica inferencial, a partir da qual, através do discurso coconstruído, aspectos linguísticos, sociais e cognitivos se mobilizam para criar realidades e os objetos que as compõem.

Os dados dos episódios apontam uma visão da metalinguagem como integrada ao funcionamento da linguagem e não apenas às operações do sistema linguístico, como postulado por vários autores no campo da Linguística. Com base em Morato (2001) e Macedo (2003), consideramos o componente meta intrínseco à linguagem em uso, desse modo, a metalinguagem circunscreve-se a partir de todos os aspectos que cercam e influenciam a produção e a reflexão da linguagem e, por consequência, ela própria. Logo, a denominação de afasia como um problema na “capacidade de realizar operações metalinguísticas” passa a ser insuficiente para caracterizar o trabalho reflexivo realizado pelos indivíduos afásicos em conjunto com seus interlocutores.

Observamos também que as ancoragens anafóricas podem ser pluralmente interpretadas a depender da perspectiva conceitual do observador, pois partem de suas inferências em relação aos elementos mobilizados em progressões referenciais em geral. Dessa forma, consideramos substancial um melhor desenvolvimento das teorias sociocognitivas da compreensão humana a fim de entender melhor as questões linguísticas e afasiológicas e elaborar uma análise mais abrangente das tipologias anafóricas, de modo a contribuir com os contornos explicativos acerca dos processos requeridos na atividade referencial.

O contexto interacional se ratificou como ideal para a emergência de elementos referenciais, especialmente para os indivíduos afásicos, os quais mostraram ter uma

maior dependência da validação de sua fala pelo interlocutor. Além dos conhecimentos e enquadres sociocognitivos partilhados, a cooperação por parte do interlocutor não-afásico mostrou-se fundamental para a (co)construção da significação de algumas enunciações afásicas e da atividade referencial, que passam a ganhar ou consolidar sentido e permitir a continuidade do diálogo e a coesividade comunicacional. Em suma, a ação interpretativa e cooperativa é tão crucial para a comunicação em curso quanto a possibilidade dos interlocutores afásicos se valerem de semioses coocorrentes nos atos de significação. As atividades interacionais e discursivas realizadas no CCA, entendido sociolinguisticamente como uma “comunidade de práticas” (MIRA, 2007), favorecem o reconhecimento e o compartilhamento de intenções, memória cultural, conhecimentos comuns e pressupostos interpretativos.

Assim como não se pode negar as dificuldades enunciativas impostas pela afasia, não podemos deixar de observar a dimensão multimodal da linguagem e da interação atuando da maneira importante na referenciação (como a expressão facial e corporal, o direcionamento do olhar, os gestos, a pantomima, a música, o desenho etc.). Tavares (2007), a propósito, afirma que os afásicos se valem particularmente dessas ferramentas, bem como de recursos pragmáticos e inferências, na intenção de desenvolver operações e formas enunciativas e de garantir participação ativa na interação, à maneira de seus interlocutores.

Dadas as observações reunidas neste estudo, concluímos que as pessoas afásicas, mesmo acometidas de um déficit linguístico que desestabiliza a linguagem de diversas formas e níveis de análise, são capazes de se manterem discursiva e interacionalmente ativas, produzindo e manipulando enunciativamente progressões e digressões tópicas sem perda de coerência global de seus projetos de dizer ou da interpretação que fazem da intenção comunicativa de seus interlocutores. E aqueles que encontram problemas em termos de *output* para tal, observamos que contornam essas dificuldades apoiando-se no contexto inferencial e nas pressuposições compartilhadas com os outros participantes da interação.

---

## REFERÊNCIAS

- BASSI, E. (2006). O percurso sócio-cognitivo da construção da referência em situações interativas envolvendo afásicos e não afásicos. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.
- BENTES, A. C.; FERREIRA-SILVA, B.; ACCETTURI, A. C. A. (2017). Texto, contexto e construção da referência: programas televisivos brasileiros em foco. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 59, p. 175-196.
- CAMERIN, I. M. P. P. (2005). O discurso cotidiano no CCA: centro de convivência de afásicos (IEL/ Unicamp). 2004. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.

- CHAVES, J. F.; MÉA, C. H. P. D. (2006). O papel da anáfora indireta na progressão textual. *Disc. Scientia: Artes, Letras e Comunicação*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 137-158.
- CORTEZ, S. L. (2012). A anáfora no processamento textual. *Estudos da Língua(Gem)*, v. 10, n. 2, p. 11-29. Edições UESB. <http://dx.doi.org/10.22481/el.v10i2.1182>
- COSTA, W. A. S. (2017). Um estudo da relação entre referenciação e gênero textual. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 129-143.
- FERRARI, N. L. (2014). A relevância referencial da dêixis discursiva na interação entre sujeitos afásicos e não afásicos: intersubjetividade e remissão anafórica. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.
- HEBLING, C. B. (2006). Um estudo da relação entre afasia e metalinguagem em Jakobson. Relatório final de Iniciação científica. IEL/Unicamp. Orientação: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato. Campinas/SP.
- HEBLING, C. B. (2007). A definição de afasia como problema de metalinguagem: notas a partir da leitura de Jakobson. *Língua, Literatura e Ensino*, v. 2, p. 181-189.
- ILARI, R. (2011). Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam?. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 91-110. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v41i0.8637003>
- JAKOBSON, R. (1954). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In: JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20. ed (1995). São Paulo: Cultrix, 1976. p. 34-62.
- KOCH, I. G. V. (2011). A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 75-90. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v41i0.8637002>
- KOCH, I. G. V. (2002). Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de- discurso. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora*, v. 6, n. 1, p. 29-42.
- KOCH, I. G. V. (2003). *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 85 p.
- KOCH, I. G. V. (2009). *Introdução à Linguística Textual*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 103- 128.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. (1998). Processos de Referenciação Na Produção Discursiva. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 14, p. 169-190. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-44501998000300012>
- KRÜGER, S. L. (2003). Anáforas indiretas e sua ancoragem a antecedentes implícitos. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- MACEDO, D. D. (1998). Platão e Crátilo: do ónoma ao logos. *Letras Clássicas*, n. 2, p. 47. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i2p47-56>

- MACEDO, H. O. (2003). Atividade metalinguística em discussão: a refação textual escrita de sujeitos afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 45, p. 59-68.
- MARCUSCHI, L. A. (2001). Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, [s. l.], n. 56, p. 217-25. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v56i0.18415>
- MARCUSCHI, L. A. (2002). Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 279 p.
- MARCUSCHI, L. A. (2011). *Compreensão textual como trabalho criativo*. *Caderno de Formação: didática dos conteúdos (UNESP/UNIVESP)*, v. 3, p. 89-103.
- MIRA, C. C. C. R. (2007). *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. 108 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.
- MONTENEGRO, M. A. P. (2007). Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. *Kriterion: Revista de Filosofia*, [s. l.], v. 48, n. 116, p. 367-377. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-512x2007000200006>
- MORAES, R. M. C. M. (2011). Da anáfora à ‘anáfora indireta’: correferencialidade e inferência. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 1560-1570. Trabalho apresentado no XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia.
- MORATO, E. M. (2001) (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 55-74. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cei.v41i0.8637001>
- MORATO, E. M. (org.). (2010). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 309 p.
- SALOMÃO, M. M. M. (2011). Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 71-84. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cei.v44i0.8637065>
- TAVARES, E. S. (2007). *Competência e argumentação nas afasias: um estudo enunciativo*. 119 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.
- TUBERO, A. L. (2006). *A construção conjunta de objetos de discurso: a experiência do centro de convivência de afásicos no processo de elaboração do livro Sobre as afasias e os afásicos*. 278 f. Tese (Doutorado)- Curso de Linguística, Unicamp, Campinas.